

“Lanterninhas” só tiveram 505 eleitores

ELMANO AUGUSTO e
ADRIANA VASCONCELOS

Dos 776 mil 639 votos depositados nas duas mil 547 seções eleitorais do DF, no último dia 3, apenas 505 foram para os 20 candidatos “lanterninhas” que disputaram vagas para a Câmara Federal e Câmara Distrital. Diante de um número exorbitante de concorrentes — nada menos do que 527 — este tipo de resultado já era esperado. Pode-se dizer que a votação acabou sendo bastante pulverizada, piorando ainda mais a situação daqueles candidatos desconhecidos.

Na expectativa de transformar familiares e o grupo de amigos em eleitores em potencial, muitos concorrentes foram para o pleito alimentando a esperança de uma vitória, ainda que magra. Só que na hora do voto, a realidade que apareceu foi bem diferente. Alguns não computaram nem mesmo uma dezena de votos a seu favor. Este é o caso do candidato a deputado federal do Movimento Liberal Progressista,

Arnaldo de Castro Nogueira, e dos concorrentes a vagas na Câmara Distrital, Eloizio dos Santos e Emerson Máximo Pereira.

Com menos de 20 eleitores cada, aparecem 11 candidatos. O fiasco nas urnas não é um assunto muito comentado pelos personagens que ajudaram a compô-lo. A maioria prefere esquecer o triste destino de não ter conquistado os votos, nem dos amigos mais íntimos. Os menos traumatizados, ainda arriscam explicar a razão da derrota, justificando que simplesmente desistiram de suas candidaturas, mas mantiveram seus nomes inscritos junto ao Tribunal Regional Eleitoral.

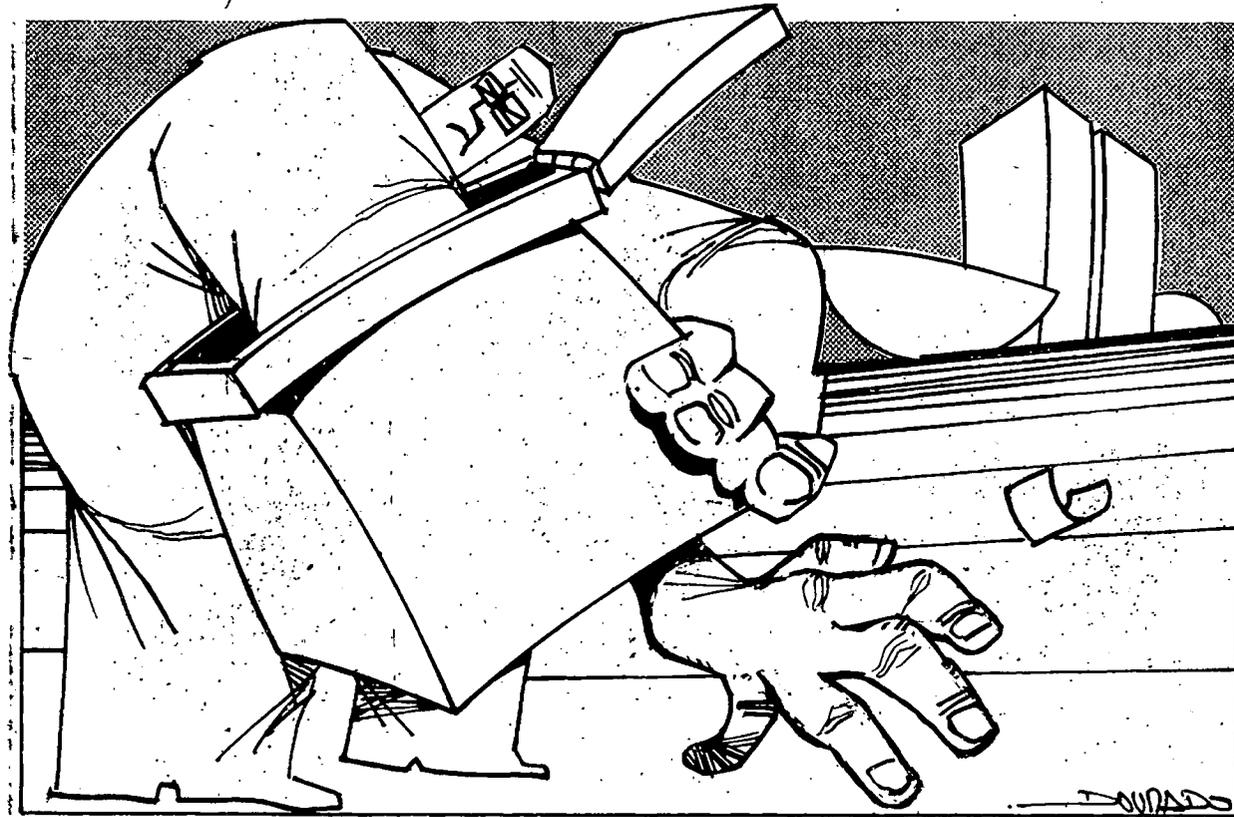
LARANJAS

Já alguns partidos, para explicar vergonhosas derrotas de seus filiados, dizem que eles fazem parte do grupo de “candidatos laranjas”. Isso significa que certas pessoas foram chamadas pelo partido para lançar suas candidaturas e assim poderem se licenciar do trabalho, ficando à disposi-

ção de campanhas maiores, sobretudo das disputas do GDF e Senado Federal.

O candidato “lanterninha”, com três votos, Arnaldo de Castro Nogueira, diz que só entrou no páreo por duas razões: uma reverência a um convite do presidente do PL, Álvaro Vale, que o queria de qualquer jeito candidato a deputado federal pelo partido, e “um sentimento sincero” de que poderia ainda fazer “muita coisa” por Brasília. Mas o tempo que lhe deram na tevê (15 segundos, depois 30) foi suficiente para abafar essas motivações.

Talvez os maiores inimigos desses candidatos desconhecidos tenha sido os votos brancos e nulos. Para a Câmara Federal foram registrados 132 mil 141 votos brancos e 95 mil 193 nulos, somando 227 mil 334 votos inutilizados. Na disputa por vagas na Câmara Distrital foram contabilizados 118 mil 491 votos branco e 90 mil 271 nulos, possibilitando a computação de apenas 567 mil 639 votos válidos.



O penúltimo culpa acaso

Sem ter feito campanha ou aparecido no horário eleitoral gratuito da televisão ou do rádio, o médico da Fundação Hospitalar, Sérgio Siqueira da Cruz, candidato a deputado federal pelo PMDB, não sabe explicar nem como conseguiu os votos de 12 eleitores, que lhe garantiram o penúltimo lugar entre os 121 concorrentes que disputaram vagas para a Câmara Federal.

“Eles devem ter votado por acaso ou talvez dentro do espírito de dar o voto para qualquer um e praticamente anular sua participação na votação”, diz o médico. Há nove anos na cidade, Sérgio conta que sempre participou da sua vida política.

Logo após a efetivação do seu nome como candidato a deputado federal, Sérgio desistiu da candidatura e sequer fez campanha para outro concorrente do partido. No dia das eleições, nem votou, pois teve de viajar para atender um paciente da família, mas se estivesse na cidade só daria seu voto a um candidato do PMDB. Marco Antônio Campa- nella, que disputou uma vaga para a Câmara Distrital.

Fracasso de 1986 se repete

Os candidatos lanterninhas das eleições de 1986 — a primeira realizada em Brasília — que decidiram fazer o teste das urnas mais uma vez, amargaram nova derrota no último dia 3. O concorrente Amaury Canuto de Melo, que depois de mudar de partido, do PMN para o PMDB, esperava um desempenho melhor na disputa por uma vaga na Câmara Federal, por exemplo, teve dupla decepção, já que recebeu menos votos que no pleito passado. Sua votação diminuiu de 226 para 219.

Este é um fato interessante que atingiu, inclusive, os campeões de votos de 1986, que por força das legendas e sublegendas acabaram não sendo eleitos na época. É o caso de Maerle Ferreira Lima, do PDT. Na eleição passada, como candidato a senador, chegou a contabilizar cerca de 130 mil votos, só que agora em 1990, na disputa por uma vaga na Câmara Federal, teve de se contentar com os magros nove mil 207 votos.

O vice-lanterna de 1986, Antônio Carlos de Almeida (PSB), que na época computou apenas 21 votos, saiu das urnas agora com sua popularidade mais reforçada. Como candidato a deputado dis-

trital, recebeu 241 votos, depois de uma campanha “pra valer”. Nas eleições passadas, Antônio diz que foi coordenador da campanha de Carlos Alberto Torres, do PCB, e por isso não pôde se dedicar à sua candidatura.

Bem mais conhecido na cidade hoje do que em 1986, em função do programa que apresenta na TV Capital — “Tribuna da Constituição” —, o jornalista Paulo Cruz de Azevedo, a despeito do esforço, não conseguiu aumentar muito sua votação. No pleito passado recebeu 243 votos e agora, 279. Sua volta ao ringue político, como candidato a deputado distrital, pode ser classificada de desastrosa, apesar de estar incluído na lista dos componentes da Frente Comunidade.

Nada menos do que 22 dos 68 candidatos ao Senado em 1986, entraram, na segunda disputa eleitoral; inclusive, dois dos três senadores eleitos — que por sinal acabaram sentindo o amargo gosto da derrota. O senador Maurício Corrêa (PDT), que em 1986 garantiu sua eleição com mais de 200 mil votos, este ano, na disputa pelo GDF, não conseguiu nem a metade dessa votação, ficando na terceira colocação, com 94 mil 177 votos.

Câmara Legislativa

CANDIDATO	Nº DE VOTOS
— Emerson Máximo Pereira.....	4
— Eloizio dos Santos.....	7
— Marisa Angélica Ramalho.....	12
— Eliane Cardoso Mendes.....	13
— Adailton Barreto Rodrigues.....	14
— Maria do Patrocínio Pessoa Sales.....	16
— Carlos Fernando Vieira de Souza.....	17
— Benedito Ferreira de Almeida.....	21
— Miguel de Lima Rodrigues.....	27
— Francisca Pereira da Silva Barbosa.....	29

Câmara dos Deputados

CANDIDATO	Nº DE VOTOS
— Arnaldo de Castro Nogueira.....	3
— Sérgio Siqueira da Cruz.....	12
— Gil Guerra Pereira.....	16
— Orlandino Alves de Araújo.....	19
— Rogério José Dias.....	23
— José Guimarães Palacio Neto.....	24
— André Luiz Ferro de Oliveira.....	49
— Beatriz Moura Soares.....	56
— Sebastião Divino Cardoso.....	58
— Sílvia Gumercinda Molina.....	91

O mais experiente obteve menor votação

O candidato menos votado — Arnaldo de Castro Nogueira, 69 anos, do PL, que contabilizou apenas três magros votos — é, por ironia, um dos políticos mais experientes do rol de pretendentes a uma vaga na Câmara Federal dessas eleições. Arnaldo Nogueira foi sucessivamente vereador, deputado estadual e deputado federal por duas vezes, pelo antigo Estado da Guanabara, entre 1954 e 1970.

Arnaldo nunca havia, até então, se decepcionado com as urnas. Suas votações foram sempre expressivas. Desta vez, como que

protagonizando uma peça do teatro do absurdo, nem ele próprio sufragou o seu nome. Para deputado federal, cargo a que concorria, votou em Leone Teixeira.

“Não fiz campanha, não apareci na tevê, não distribuí santinhos, não pedi votos”, vai logo avisando o ex-político, que, jornalista desde os 20 anos, já foi até comentarista da rádio BBC de Londres, durante a Segunda Guerra Mundial e hoje ocupa a direção da sucursal do jornal **O Globo**, em Brasília. “Apenas esqueci de retirar meu nome da lista do TRE”, repara.

No entanto, três renitentes eleitores resolveram marcar o seu nome. Dois — um vizinho e um funcionário do governo do Rio, na época de Chagas Freitas — ele já conseguiu identificar. O terceiro ainda é uma incógnita.

“Mas vou descobrir”, diz o jornalista que, num momento de puro bom humor, ri de sua performance eleitoral: “Essa foi a maior votação de minha vida. Mesmo pedindo para que não votassem em mim, houve quem resolvesse sufragar o meu nome. É uma honra muito grande”, concluiu sorrindo.